

## O jogo da identidade em *Post Scriptum* de José Veríssimo

Vilmar henrique Ananias (Mestrando PROMEL-UFSJ)  
Aberto Ferreira da Rocha Jr. (Orientador DELAC/PROMEL/UFSJ)

### **Introdução**

Este trabalho é resultado de um semestre de estudos na disciplina *Seminário de Tópico Variável em Práticas Discursivas: Teorias do Discurso* do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João Del-Rei. Assim, a partir do texto de José Veríssimo (1857-1916) chamado *Post Scriptum*, pretendemos identificar e verificar se as marcas de heterogeneidade discursiva se relacionam com a construção de identidade do crítico literário na virada do século XIX para o XX.

Os referenciais teóricos que embasam este trabalho são os pressupostos desenvolvidos por Mikhail Bakhtin sobre *dialogia* e *polifonia* dos signos (BAKHTIN, 2002), e, também, as orientações de Michel Pêcheux e Authier-Revuz, que partem das formulações de Bakhtin para nos mostrar que a constituição do discurso do sujeito é clivado e/ou atravessado por diferentes discursos, entre seu ato consciente e sua dimensão inconsciente, passando a negociar com o outro sua própria identidade em termos de alteridade. Esse processo, como afirma Helena H. Nagamine Brandão, advém da articulação entre as marcas da *heterogeneidade mostrada* com a *heterogeneidade constitutiva* da linguagem (BRANDÃO, 2001, p. 59-70).

Metodologicamente é Dominique Maingueneau, na tentativa de operacionalizar os pressupostos de Bakhtin, que propõe o estudo do funcionamento do discurso através desses dois níveis destacados por Pêcheux e Authier-Revuz, isto é, *heterogeneidade constitutiva e mostrada*. São essas categorias operacionais oferecidas pela Análise do Discurso (AD) que nos serviremos para realizar nosso objetivo. Contudo, nos concentraremos *especialmente* nas marcas de *heterogeneidade mostrada*, uma vez que nossos esforços em trabalho anterior nos possibilitou identificar as formas constitutivas da linguagem sob uma perspectiva histórica, embora não fosse nosso objetivo principal (ANANIAS, 2006)<sup>1</sup>. Embora iremos nos deter com mais rigor e atenção

---

<sup>1</sup>Trata-se do trabalho monográfico para a conclusão do curso de graduação em História pela Universidade Federal de Viçosa sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Rogério Fernandes

às marcas de *heterogeneidade mostrada*, isso não quer dizer que as *marcas de heterogeneidade constitutiva* foram colocadas à margem, pois entendemos que ambas estão inter-relacionadas e compõem a análise conjuntamente.

As principais marcas de *heterogeneidade mostrada* relacionadas às marcas de *heterogeneidade constitutiva* que destacamos nesse trabalho são: as *citações de autoridade como forma de justificar a proposição*; a *subversão da citação de autoridade*; *parafraseagem*; *metadiscursos destinados a construir uma imagem do locutor*, *correções antecipadas e atos de preterições*. Também não temos a intenção de esgotar a análise das marcas de *heterogeneidade discursiva* presentes no *Post Scriptum* de José Veríssimo, pois outras marcas foram identificadas mas não foram apresentadas sistematicamente nesse trabalho. Dito isso, nosso desafio está lançado.

## **2 - As marcas de heterogeneidade discursiva em *Post Scriptum* de José Veríssimo**

*Criticar a crítica é a coisa mais difícil que conheço.  
O mesmo que saltar por cima da própria sombra*  
Araripe Jr.

Neste trabalho para o XI Encontro Regional da *Associação Brasileira de Literatura Comparada* (ABRALIC), o objeto que vamos nos deter é o texto de José Veríssimo chamado *Post Scriptum*, artigo escrito no dia 30 de dezembro de 1906 e publicado em seu livro *Que é Literatura? e outros escritos* no ano de 1907. Este artigo de Veríssimo teve como ponto de partida para sua produção, as querelas polêmicas travadas com Sílvio Romero sobre questões de valor literário e as contribuições de Machado de Assis para a formação da literatura brasileira, tanto nas páginas dos jornais e livros que circulavam na época, bem como nas reuniões da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Após a publicação do artigo de Veríssimo *História da literatura brasileira do*

---

Cordeiro do Departamento de Letras, cujo título é *Da literatura a outros impasses: a construção da identidade do crítico literário em José Veríssimo*. O objetivo desse trabalho foi analisar o processo cultural pela qual as teorias da crítica impressionista francesa penetraram no arcabouço teórico de José Veríssimo mediante às circunstâncias locais do Brasil, especificamente do Rio de Janeiro, possibilitando José Veríssimo rever seus valores, normas e referências para a definição da função da crítica, para legitimar o ofício do escritor e fortalecer uma identidade fundada na polidez na sociedade carioca da *Belle Époque*. No entanto, queremos destacar que fora somente no decorrer desta disciplina do Programa de Mestrado que conseguimos perceber as marcas constitutivas que se apresentam no texto de José Veríssimo.

Sr. *Sílvio Romero* (VERÍSSIMO, 1978, p. 111-117)<sup>2</sup> saudando a segunda edição da *História da literatura Brasileira* de Romero, no ano de 1902, como um acontecimento literário de primeira ordem na cultura brasileira. O mérito deste trabalho residia no fato de ser uma obra ampla sobre o assunto com uma abordagem social da literatura. No entanto, Romero se sentiu ofendido e reagiu violentamente aos comentários críticos feitos por Veríssimo, pois, além dos elogios, este fez restrições à *imparcialidade crítica, ao tom apaixonado e polêmico, à indefinição da periodização literária, além da amplitude do conceito de literatura* aplicados por Romero (VENTURA, 1991, p. 109).

A polêmica repleta de insultos e ofensas se desenvolveram nos seguintes textos: *Compêndio de História da literatura brasileira* de Romero (1906)<sup>3</sup>; *Sobre alguns conceitos do Sr. Sílvio Romero* de Veríssimo (1906)<sup>4</sup>; *Academia de Letras* de Romero (1906)<sup>5</sup>; *Post Scriptum* de Veríssimo (1906)<sup>6</sup>; *o ídolo de todas as mediocridades* (1907)<sup>7</sup> e *Zeveirissimações ineptas da crítica* de Romero (1909)<sup>8</sup> (VENTURA, 1991, p. 108-120).

As condições de produção dessas polêmicas estão situadas na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República do Brasil, na virada do século XIX para o XX. A cidade passava por revitalizações urbanas na tentativa de tornar-se uma cidade símbolo do cosmopolitismo no Brasil sob a influência francesa da *Belle Époque* que, de certo modo, favoreceu o aumento da população urbana, a necessidade de maior circulação de bens culturais e o crescimento da imprensa

<sup>2</sup>Publicado inicialmente no jornal *Correio da Manhã* no dia 10 de set. de 1902. Logo em seguida, foi compilado pelo próprio Veríssimo na 6ª série de *Estudos de literatura brasileira* publicado no ano de 1907, ambos com o mesmo título. Segundo João Alexandre Barbosa, o texto foi incorporado sem modificações (BARBOSA, 1974, p. 71).

<sup>3</sup>Livro de Romero publicado conjuntamente com João Ribeiro em 1906 e que teve uma segunda edição no ano de 1909 (VENTURA, 1991, p. 110).

<sup>4</sup>Artigo presente no livro de Veríssimo *Que é Literatura? E outros escritos* (VERÍSSIMO, 2001). Também se encontra reunido em uma coletânea de textos de Veríssimo organizada por João Alexandre Barbosa (VERÍSSIMO, 1978, p. 119-40).

<sup>5</sup>Esse discurso de Romero foi proferido no dia 18 de dezembro de 1906. Foi publicado no *Jornal do Comércio* de 19 de dezembro de 1906 no Rio de Janeiro (VERÍSSIMO, 1978, p. 141) e, também, em seu livro *Provocações e Debates* de 1910 (VENTURA, 1991, p. 112).

<sup>6</sup>Texto escrito no dia 30 de dezembro de 1906 e publicado no seu livro chamado *Que é literatura? e outros escritos* de 1907. Aqui usamos a edição de 2001 pela editora Landy.

<sup>7</sup>Segundo Ventura, trata-se de um texto presente em uma edição avulsa do discurso na ABL em 1907 o qual parodiou o estilo de Veríssimo. Ver: VENTURA, 1991 p. 114 e a nota nº 15 deste capítulo sobre esse texto de Romero.

<sup>8</sup>De acordo com Ventura é um dos livros mais cáusticos, agressivos e de *fôlego inesgotável para a sátira pessoal e intelectual*, caracterizando-o como o *crítico mais desbocado de sua geração*. Trata-se de um dos trabalhos mais marcantes de Romero como polemista (VENTURA, 1991, p. 114).

com a criação de revistas, jornais e editoras, proporcionando mais espaços de atuação e intervenção cultural do literato para um público de leitores cada vez mais amplo. Isso aponta concomitantemente para o acirramento das disputas ideológicas, políticas e morais (poder) entre os literatos nos espaços literários, pois passaram a adquirir destaque nos debates acalorados, principalmente, após a criação da ABL para a formação e elitização de um grupo seletivo e representante da literatura brasileira (BROCA, 2004; BARBOSA, 1974; RODRIGUES, 2001; SEVCENKO, 1999; VENTURA, 1991).

Segundo Roberto Ventura em *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*, o caráter das polêmicas travadas entre os intelectuais, tendo Sílvio Romero como uma figura singular e *polemista*, era de agressividade pessoal ao oponente (VENTURA, 1991). Por sua vez, João Paulo Coelho de Souza Rodrigues em *A Dança das Cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras*, afirma que os debates polêmicos entre os literatos eram em função das disputas pelo poder político para liderar e construir uma identidade hegemônica dos literatos profissionais e dedicados às artes da escrita (RODRIGUES, 2001). Nesse sentido, nosso objetivo é identificar as marcas de heterogeneidade discursiva e verificar se elas estão relacionadas à construção de identidade do crítico literário na virada do século XIX para o XX.

Pretendemos realizar nosso objetivo a partir dos conceitos de Mikhail Bakhtin, *dialogia* e *polifonia*. Segundo Bakhtin, o valor dos signos reside, basicamente, nas relações entre os indivíduos circunscritos nas e pelas relações políticas, culturais, econômicas; na clivagem de diferentes discursos produzidos na sociedade; nas vozes que enuncia; e, na situação relacional de constituição de si diante do outro a partir da alteridade social. Segundo Helena H. Nagamine Brandão, Michel Pêcheux e Authier-Revuz, na direção de Bakhtin, nos mostram que a constituição do sujeito discursivo se realiza no entrecruzamento de diferentes discursos, ao negociar a identidade e a alteridade entre os atos conscientes e inconscientes no processo de construção discursiva. Assim, esse processo se dá mediante a articulação entre as marcas de heterogeneidade discursiva: *mostrada* e *constitutiva*, categorias propostas por Authier-Revuz.

Mas para operacionalizar metodologicamente essas categorias de análise, nos serviremos das contribuições de Dominique Maingueneau sobre o

funcionamento do discurso heterogêneo através desses dois níveis discursivos. O primeiro, *heterogeneidade mostrada*, refere-se às marcas explícitas no discurso do sujeito enunciador, isto é, *as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação* (MAINGUENEAU, 1997, p. 75). Por sua vez, o segundo refere-se à *heterogeneidade constitutiva* ou o chamado *interdiscurso*, quer dizer, o discurso é construído no processo de incorporação de *outros* discursos, pré-construídos, produzidos em seu exterior, mas que é reconfigurado incessantemente, ocasionando em redefinição dos objetos suscitados em seu interior. Em um pequeno esquema podemos ilustrar essas proposições teórico-metodológicas:

### **SUJEITO X SOCIEDADE/INTERDISCURSOS (CONSTITUTIVO)**

**x**

### **SUJEITO X OUTRO/INTERLOCUTORES (MOSTRADA)**

É importante destacar que neste trabalho nossa atenção recaía, principalmente, sobre as marcas de *heterogeneidade mostrada*, contudo, sem perder de vista a relação existente com as marcas de *heterogeneidade constitutiva*. Outra questão importante que devemos ressaltar antes de procedermos a análise do nosso objeto, é que não temos a pretensão de apresentar todas as marcas de heterogeneidade discursiva presentes no artigo de Veríssimo. Para isso, destacamos as seguintes marcas discursivas mais recorrentes e que se relacionam com a construção da identidade do crítico literário naquele período: *as citações de autoridade como forma de justificar a proposição; a subversão da citação de autoridade; parafraseagem; metadiscurso destinado a construir uma imagem do locutor, correções antecipadas e atos de preterições*.

As marcas de autoridade podem aparecer sob duas formas: a primeira consiste na citação de autoridade para justificar a proposição e a segunda refere-se à subversão da citação de autoridade para afirmar a própria proposição. Encontramos as duas formas presentes no texto de Veríssimo. No primeiro caso, Veríssimo cita Júlio Claretie para justificar que o literato, mesmo sob

circunstâncias de acalorados debates, deveria conservar a urbanidade, que é uma qualidade literária nos mais distintos recintos literários de povos dotados de homens letrados, cultos e civilizados. Cita, inclusive, o nome de Ferdinand Brunetière, um dos literatos mais polêmicos da Academia Francesa de Letras e admirados por Romero, para mostrar que era possível ser polêmico nas mais *vivas controvérsias* conservando a distinção e a polidez:

No “Temps” disse o sr. Júlio Claretie: “Até nas suas réplicas, suas cargas a fundo, suas respostas pugnaces, conservava Ferdinand Brunetière, sob a sua aparência agressiva, a urbanidade de que fala Taine (alude a uma carta em que Taine gabava a urbanidade das mais calorosas discussões da Academia Francesa). Nos seus rompantes havia uma escondida sensibilidade, e ouvia-se com um infinito prazer este grande letrado falando, ainda nas mais vivas controvérsias, a língua dos homens bem educados (*honnêtes gens*)”. E em que país, a não ser Portugal e Brasil, se vê o contrário disto, e homens de inteligência, homens de letras, homens que se presumem de cultos e civilizados, transformando a crítica em polêmica e esta em descompostura de regateiras? (VERÍSSIMO, 1978, p. 146).

A segunda marca de citação de autoridade destacada no texto de Veríssimo é uma subversão da autoridade. Essa passagem do texto é uma resposta aos ataques de Romero ao patrono da cadeira, Castro Alves, que seria ocupada por Euclides da Cunha no dia 18 de Dezembro de 1906. Romero em seu discurso *Academia de Letras* havia trazido o nome de Tobias Barreto, como afirma Veríssimo: *pela milésima vez* (VERÍSSIMO, 1978, p. 147) e ainda desqualificou a poesia de Castro Alves perante a poesia de Tobias Barreto de modo desprezível *diante de uma assembléia de pessoas cultas* (VERÍSSIMO, 1978, p. 152). A marca de subversão da autoridade ocorre quando Veríssimo cita o próprio Tobias Barreto, parafraseando (que também pode ser uma marca de subversão) as palavras do próprio Romero, para mostrar o contrário do que ele havia afirmado em tom mesquinho na ABL contra Castro Alves e todos os presentes na ocasião:

São de Tobias estes pedaços que desmentem a afirmação implícita nas palavras do sr. Sílvio Romero de que ele escapou dos vícios que o orador pôs em manifesto em Castro Alves, para amesquinhar:

Ver o mistério erigido  
rodeando os mausoléus,

Morrer... Subindo agarrado  
no escarpamento dos céus,

e todo esse poema de “Vôos e Quedas” é cheio de coisas iguais. Há nos versos de Tobias túmulos que são “promontórios do mar da eternidade”; “Pernambuco anelante, suspende na mão possante o peso do Paraguai”, “as espadas de Osório e Caxias de pontas do compasso que traçou larga no espaço a evolução do Brasil”, os dois de Julho representa “um alto feito de emudecidos canhões”, e “golfadas do abismo”, terremotos d’alma” e “j’en passe”. O que é talvez exato, a mim parece-me ao menos, é que o inventor desse novo gongorismo, deste bombástico na poesia brasileira foi Tobias, com o seu inato mau gosto e natureza exuberantíssima. Como era natural em um meio de moços, como tais incapazes de medida, a moda pegou e dela nasceu o que se chamou ridiculamente de “condoreirismo” (VERÍSSIMO, 1978, p. 147-8).

As marcas discursivas de parafraseagem para a AD, consistem em uma forma de apropriar-se do discurso do outro, menos para garantir a equivalência preexistente do que para absorver e redefinir de acordo com a identidade de uma formação discursiva. No texto de Veríssimo podemos destacar a seguinte passagem: *E foi este mesmo sr. Sílvio Romero quem na sua História citada escreveu, com assombrosa inconsciência: “A crítica é uma estudo, e não uma arrogância”* (VERÍSSIMO, 1978, p. 147-8).

Esta passagem, para nós, é muita rica para perceber a construção de identidade através dos mecanismos discursivos da linguagem. Inclusive é importante frisar que essas três linhas estão entre dois assuntos diferentes, ainda que a questão principal dos tópicos abordados girassem entorno dos excessos cometidos por Romero em sua atividade como crítico. Na medida que Veríssimo afirma que Sílvio Romero escreveu uma frase *com assombrosa inconsciência* e a cita como um axioma, podemos atribuir que ocorre uma reordenação dos sentidos inicialmente propostos por Romero. Ele foi capaz de postulá-la, mas não possuía a distinção moral de praticá-la como um Brunetière praticava acima de seu temperamento de polemista. O critério de Romero, de acordo com Veríssimo e chamando a atenção do leitor com ênfase, é a crítica de *arribação*, de *provinciano!*, de *sergipano do Lagarto ou de não sei que bicho* (VERÍSSIMO, 1978, p. 142).

As três formas de metadiscurso identificadas apresentam relações com a construção de identidade do crítico de modo exemplar. Na primeira marca de

metadiscorso, (1) *destinada a construir uma imagem do locutor*, temos a ocorrência clara de que Veríssimo, nesse artigo, verte sua escrita parodiando o estilo de Romero para tecer uma comparação geográfica de nascimento entre eles, de modo a se diferenciarem e marcarem seus respectivos valores como crítico literário. Romero orientava-se no cientificismo naturalista que privilegiava o determinismo do *meio*, da *natureza* e da *raça* na cultura para proceder a análise crítica (CANDIDO, 1988; VENTURA, 1991), enquanto Veríssimo, nessa fase de sua trajetória, pautava-se pelo o impressionismo francês (BARBOSA, 1974).

Assim, se o determinismo de Romero era preponderante na crítica literária e influía no caráter do crítico, Veríssimo, portanto, era superior, pois sua crítica nasceu às margens do rio Amazonas, enquanto Romero teve apenas o Vaza-Barris que desaguou no Capibaribe. Essa marca de metadiscorso, traz consigo a presença da marca de parafraseagem como um elemento para subverter os sentidos colocados por Romero.

A minha pobre crítica, com ser tão mofina e desprezível perante a crítica “cientificista” do sr Sílvia Romero, tem o dom de irritar até a raiva o iminente crítico. Redondamente chamou-lhe no seu discurso de “crítica de arribação”. Vindo dele, a exprobração é de uma singular inconsciência. Ainda se a crítica do sr. Sílvia Romero houvesse nascido ali às beiras do opulento Carioca ou do cauduloso Rio da Joana ou das Caboclas, se lhe compreenderia o ridículo reproche! Mas não, cientificista ou sociológica, ela surgiu do Vaza-Barris e engrossou no Capibaribe. Mas se a geografia, ou, como se diz o pedantismo indígena, a potamografia, deve entrar como um elemento da capacidade crítica a mim ao menos me valeria o “majestoso” Amazonas. Tal é porém, como está vendo o leitor, o critério do sr. Sílvia Romero: provinciano, sergipano do Lagarto ou de não sei que bicho e, demais, inimigo irreduzível do Rio de Janeiro, contra o qual ainda investiu no seu discurso, ele ajunta aos meus muitos defeitos e incapacidades mais esta, e de arrasar, de ser, tal qual ele, provinciano! Crítico de arribação! (VERÍSSIMO, 1978, p. 142).

A segunda marca de metadiscorso, (2) *correções antecipadas*, mostra-nos como Veríssimo apontava para os critérios de Romero para afirmar qual era sua forma de proceder a crítica. Já que Romero no discurso *Academia Brasileira* pronunciado na ABL não havia feito *crítica* e sim *defesas afrontosas e desarrazoadas acusações* (VERÍSSIMO, 1978, p. 141), Veríssimo iria proceder de maneira semelhante, mas que não era próprio de sua postura profissional. Aqui ele busca construir uma imagem de que não participa das polêmicas com o



mesmo ímpeto de Romero, corrigindo-se antecipadamente, pois, como podemos acompanhar, defende uma postura polida nas *assembléias de pessoas cultas* (VERÍSSIMO, 1978, p. 152):

Escrita nos primeiros dias de novembro, esta defesa às afrontosas e desarrazoadas acusações, que não a críticas, do sr. Sílvia Romero, por motivos alheios à minha deliberação, ficara até agora sem publicidade. *E não teria talvez se neste meio tempo o famoso crítico não houvesse voltado à carga contra mim*, oferecendo-me do mesmo passo que a mais cabal corroboração que eu poderia desejar ao conceito que tenho o direito de fazer dele, e que deixei escrito (grifos nossos) (VERÍSSIMO, 1978, p. 141).

No final de texto de Veríssimo temos a terceira e última marca de metadiscursos que identificamos, que se refere aos (3) *atos de preterições*:

*Havia ainda muito a respingar*, no discurso do sr. Sílvia, mesmo na parte propriamente literária. O resto, e boa metade dessa arenga, mais conferência agrícola-econômica que oração acadêmica, está cheia de inexatidões, generalizações sem base e observações menos criteriosas. Uma delas é a teimosia em querer que no Brasil à escravidão sucedesse o colonato, como na Espanha medieval. Bebeu esta idéia num opúsculo de Herculano e, sem nenhum fundamento ou legitimidade, aplicou-a disparatadamente ao Brasil.

Mas toda a obra do sr. Sílvia, da qual o seu discurso na Academia é a última tiragem resumida, está maculada dos mesmos vícios imperdoáveis e já agora irremediáveis, dos quais me vi forçado a pôr alguns manifesto - *ficando-me entretanto muitíssimo a dizer* (grifos nossos) (VERÍSSIMO, 1978, p. 152).

Assim, com todas essas estratégias discursivas Veríssimo passou a construir uma imagem do literato que se exime dos *vícios imperdoáveis* e *descomposturas* na atividade literária e em salões de homens polidos. Quer dizer, nos dois últimos parágrafos ele passa a omitir-se do debate dizendo que haveria muito a dizer sobre as atitudes pessoais e os exageros *mesmo na parte propriamente literária* de Romero, e, que deixaria de fazê-lo dando continuidade a todos os pormenores *dessa arenga* mesmo tendo *muitíssimo a dizer*.

### 3 – Considerações finais

Entendemos, assim, que as contribuições teóricas e metodológicas propostas pela AD nos permitiram analisar os textos de José Veríssimo a partir das relações intratextuais e intertextuais. Isto é, no jogo da identidade do crítico literário na virada do século XIX para o XX, sob a perspectiva da formação heterogênea do discurso e alteridade social, identificamos e verificamos, sem esgotar a análise, algumas estratégias discursivas utilizadas nos argumentos de Veríssimo para tentar consolidar seu ponto de vista entre os leitores e interlocutores literatos. Embora tenhamos nos atentado com mais ênfase às marcas de *heterogeneidade mostrada*, as marcas de *heterogeneidade constitutiva* estavam presentes na análise, pois sem elas não seria possível perceber a polifonia de vozes e discursos presentes em seu texto e como elas foram articuladas discursivamente para afirmar sua posição social.

### 4 – Referências bibliográficas

- ANANIAS, Vilmar Henrique. *Da Literatura a outros Impasses: a construção de identidade do crítico literário em José Veríssimo*. 2006. 61f. Monografia (Graduação em História) UFV, Viçosa, 2006.
- BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Annablume, 2002.
- BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do Impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Da Língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, Beth (org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: Pontes/FAPESP, 2001. P. 59-70.
- BROCA, Brito. *A Vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2004.
- MANGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Pontes/UNICAMP, 1997.
- RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das Cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: UNICAMP, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões Sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil* São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- VERÍSSIMO, José. [1907]. *Estudos de Literatura Brasileira: 6ª série*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
- VERÍSSIMO, José. Post Scriptum. In: VERÍSSIMO, José. *Teoria, crítica e história literária*. (org.: J. A. Barbosa). Rio de Janeiro; São Paulo: Ed. USP, 1978. p. 141-52.
- VERÍSSIMO, José. *Que é literatura? E outros escritos*. São Paulo: Landy, 2001.